

Порт / П
К 14

KALYNÉTS



O FOGO
SAGRADO

IGHOR KALYNÉTS

O FOGO SAGRADO

WLRL - EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
RIO DE JANEIRO
1997

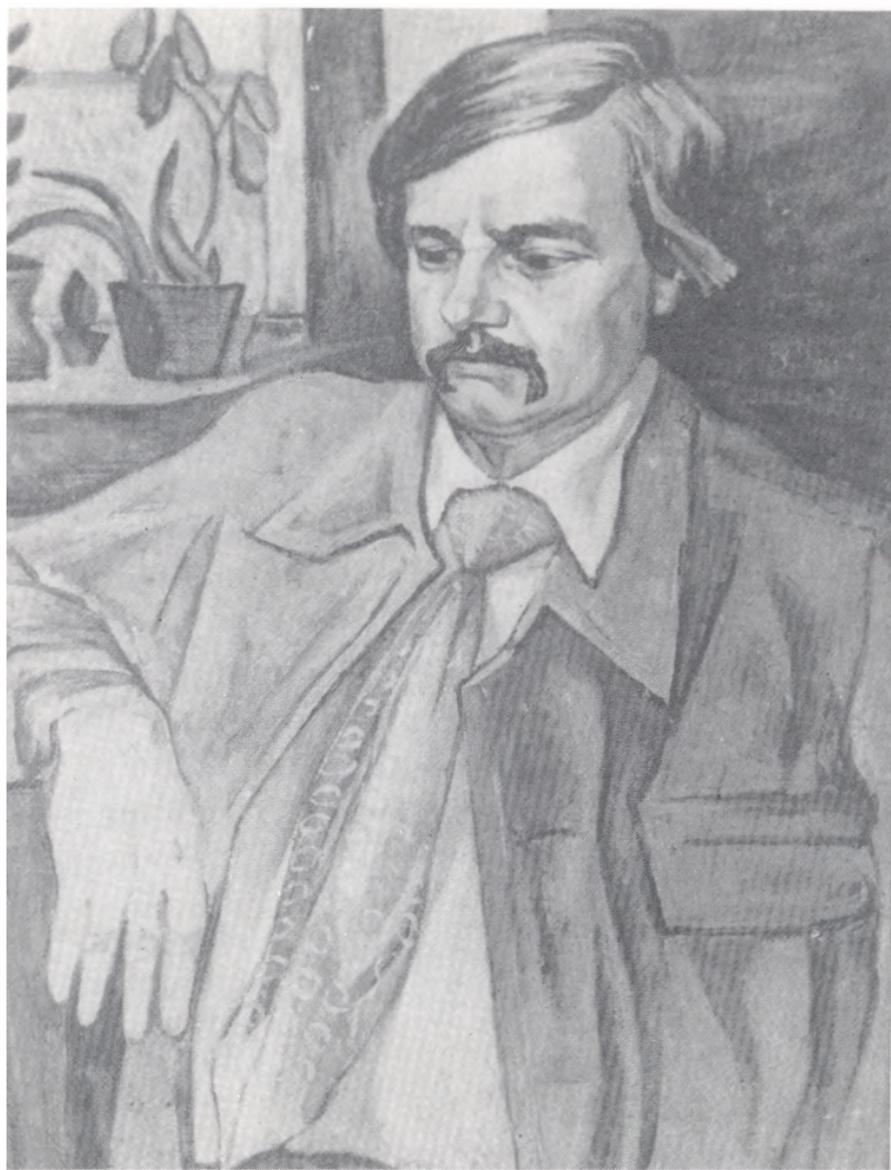
Tradução do Ucrainiano e prefácio: Wira Selanski
Revisão: Luiz Montez

Série PYSSANKA:

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)
2. Iván Dratch: ASAS (1993)
3. O Grupo de Nova York: COLMÉIA (1993)
4. Mykola Vorobiów: SIGNOS (1994)
5. Valery Chewtchúk: O CAMINHO (1995)
6. Ighor Kalynéts: O FOGO SAGRADO (1997)

CAPA: WW

© Ighor Kalynéts
Wira Selanski



Valery Ghnatenko: Retrato de Ighor Kalynéts, 1982

O POETA DO FOGO SAGRADO

Filho espiritual de Boghdán-Ighor Antonytch, Ighor Kalynéts nasceu no ano de 1939 na cidade galiciana de Khódoriw. Terminou os estudos filológicos na Universidade de Lviw, trabalhando em seguida no Arquivo Regional. Começou a escrever poesias nos anos de estudante, mas os órgãos governamentais soviéticos proibiram a sua publicação por se tratar de um autor com fortes raízes na história da Ucrânia, principalmente da nativa Galícia, que sempre manteve sua identidade nacional frente ao invasor inimigo. Além da pequena coletânea *Fogo de São João*, publicada em Kyiw no ano de 1966, apareceram algumas outras publicadas no exterior, sem o conhecimento do poeta: *Abertura de Vertép*, Munique, 1970; *Somando o Silêncio*, Paris-Baltimore-Toronto, 1971; *Coroação de Espantalho*, Nova York, 1972.

Em 1972, Ighor Kalynéts e sua mulher, a poetisa Iryna Stassiw Kalynéts, foram condenados pela “agitação e propaganda anti-soviética” a seis anos de prisão e três anos de desterro, cumprindo plenamente sua pena, ele no norte do Ural, ela nos campos de trabalho na Mordóvia.

Voltando à Ucrânia em 1981, Ighor Kalynéts conseguiu com dificuldade o emprego na biblioteca Vassyl Stefanyk em Lviw, editando a revista *Yewchán*. Ele tornou-se membro honorífico do PEN-Clube Internacional, recebendo no exterior o prêmio Iván Frankó. Na Polônia apareceu em seguida o livro *Musa Acordada*, que reúne seus poemas de nove coletâneas, escritas de 1996 a 1972. O segundo volume, *Musa Prisioneira*, com oito coletâneas de poesias, escritas de 1973 a 1981, foi publicado pela editora *Tocha*, Baltimore-Toronto, 1991.

Ighor Kalynéts é parente do poeta Sylvester Kalynéts, da primeira onda de imigrantes ucranianos no Paraná, primeiro tradutor de Tarás Chewtchenko para o português.

Conforme o Prof. Danylo Husar-Struk, da Universidade de Toronto, Ighor Kalynéts talvez seja o maior poeta atual da Ucrânia.

De uma riqueza léxica admirável, que recorre ao passado da Galícia e desenterra vocábulos raros e esquecidos, não fugindo do colorido regional, Kalynéts surpreende pelas faces múltiplas de sua arte poética. Ora ele se revela como poeta político, arden-

do de santa ira e fustigando a Ucrânia pela sua índole cantante e ingênua, procurando “o sal espiritual” na casa do vizinho pérfido; ora canta sua solidão e tristeza no país estranho, longe da sua mulher amada e da querida filha Zvenyslava, a quem dedica um lindo ciclo de *Dingdichtung* - poesias que se referem a fenômenos da Natureza, tais como sol, vento, nuvem, relâmpago, etc.; e, finalmente, ele se mostra um poeta moderno, que experimenta os vários planos de sua arte num jogo caleidoscópico, vivenciando nela diversos estilos, a partir do neo-barroco até toda a escala de “ismos” do século vinte.

Suas imagens são sempre surpreendentes, originais, freqüentemente bem-humoradas e lúdicas. Sobretudo, Kalynéts acredita na incorruptibilidade do espírito dos prisioneiros patriotas, na sua fidelidade à tradição nacional, às festas e aos costumes, em seu senso de humor e na capacidade de encontrar “os grãos de alegria dispersa” mesmo nas circunstâncias mais funestas da vida.

Como um mago, ele extrai a essência poética de números, cores, sons, letras de alfabeto, pedras preciosas, províncias ucranianas, formas de cânticos, imagens do zodíaco, mitos antigos, meses, estações do ano, etc.

Nos últimos anos, Kalynéts entrou em zona de calma criadora, afirmando ter dito tudo o que pretendia dizer poeticamente. Talvez seja uma etapa transitória; porém, ela prova a seriedade do intento criador, que recusa em se repetir, mantendo acesa a chama sagrada de palavras uma vez pronunciadas, sem sujeitá-las ao desbaratamento.

O FOGO SAGRADO

*

cobre-me
cabelo
de folhagem dourada

que eu passe dormindo
a primavera

pois o ouro há de voar
ao bosque de madrugada

o despertar será suspenso
igual à espada
e minha Noite
não partirá ao amanhecer

*

janela querida janela
para o mundo onde estive
onde havia sorte demais
e alegria de menos

janela querida janela
agora de todo vazia
não estou na pupila
e nem silhueta no peito

janela querida janela
não se pode quebrar com cabeça
só diante da azul soleira
resumir-se em lágrima

*

não morder
a noz dourada

não alcançar
a semente do ser

apenas quebrar
o dente da indagação

com sangue efluir

restar
uma noz não partida

uma semente não atingida

mulher

*

havia boas estrelas
e más estrelas

quando eu fitava as boas estrelas
tudo estava de acordo

quando eu olhava as más
alguém pôs a mão no peito

mas junto da minha sombra
faltava a tua sombra

meu coração até o presente está grisalho

*

mas mesmo
neste deserto

não é só visão
a manada de leões

que se esbate cada dia
contra o gelo do horizonte

esperando
que da fenda do mesmo
corra o céu vermelho

*

num calabouço negro hermético
soltaram um raio
era o bastante
para cegar o cativo

ele esticou o raio
como um tendão
e no milagre
o calabouço soou
com tom metálico

então o tocou igual a uma menina
e o raio gemeu prateado

a partir de então
a liberdade foi esquecida
pois o livre não é capaz
de ser música de um raio

*

nem ao sol se perdoa
não se perdoa
suas cinco manchas

nem à lua
o crime cometido
contra o irmão

nem à estrela o fato
de ter se apagado
há milhões de anos

nem à amada
o abandono

*

o dia todo
levava num fio
atrás de si
a bola azul

temia soltá-la ao vento
ou perfurar
com impressão aguda
ou esquecer conversando
na casa dos conhecidos

a verdade é que estava
no invólucro azul
e não sabia
quem a segurava
tão firmemente
pelo cordão

✕

ainda está o verão
no telefone
ainda o fone
lembra a concha
ainda corre
a onda verde
ainda o campo
em pó dourado
ainda a tua fala
como maçã

*

esqueçamos
a chuva

as sombras coloridas
das sombrinhas

folheamos
o herbário do verão

revolvamos a colméia
de perfumes

e as ervas
sussurram

qual chuva

*

preparemos canoas
o ontem vem vindo

preparemos canoas
das margens surge tristeza

nadaremos
ao lago de folharada

o lago
que inunda as pegadas

*

alegremo-nos com a separação
com a separação

que funde
nossos dias
em ouro

que forje
nossos dias
em mais uma estrela

pois o céu é pobre demais
na separação

*

antigamente
lutava
com os monstros de uma cabeça

agora
bafejam fogo
os de sete cabeças

antigamente
os amigos sopravam
nas trompas de ouro

agora
me olham
com negros céus da boca

*

no limite do sonho
qual numa corda bamba

realidade
a balançar

mas quando
se espia para baixo

espantosamente
aproxima-se o passado

eu percebo
cada capim

é impossível
manter
o equilíbrio

e as lágrimas

*

entregar-se voluntariamente
nas mãos de outono

deixar-se levar
com seus estandartes
sobre os rasos lagos dos cafés

saber notícias
de ti
das dezenas de lábios

pintar então
sobre o mármore da mesinha
meandro cigano

para isso serve
o café derramado

para isso
a noite é sem margens
para desgrenhá-la

*

o mel do silêncio
a losna amarga
o ouro do silêncio
um pedaço de lata enferrujada
a nossa casa deserto
desterro pelo deserto
a palavra não surgirá
das trevas do silêncio
a nossa água
nunca será vinho
e os cinco pães
permanecerão
cinco pães

*

quando fiz reverência
a Lada e Perún ¹⁾
tornei-me ente humano

quando fiz reverência
à Parede Inabalável ²⁾
tornei-me Estado

quando fiz reverência
a mim mesmo
tornei-me Skovoroda ³⁾
sem abrigo

agora olho em volta
para todos os cem lados
do vazio

1) - deuses eslavos

2) - o mosaico de N. Srª atrás do altar da Catedral de Santa Sofia em Kyiv

3) - filósofo ambulante do século XVIII

*

sim nós nos conhecemos
do sonho
que se sonhou
um milhão de anos atrás

com o machado de pedra
cacei o fogo

ele tremia qual cervo
corria qual cabelo

fugia pela soleira
de nossos lábios unidos

acariciava nas pupilas
símbolos do subconsciente

gritava palavras escuras
indecifráveis hoje ainda

escuta
tais sonhos
perdem-se logo
ao acordar

*

e quando os olhos largos
do acordar
deparam-se
com muro surdo das trevas

no brejo serão
sepultados vivos
prateados cacos
do espelho da eternidade

fragmentos da lembrança
de um amor breve

aconteceu assim

no carvão negro
junto com vestígios de samambaias
tua palma de mão
petrificada

com a linha do destino
claramente rompida

*

nesse imenso aquário
navegam seres fantasmagóricos
balançam-se mudos sargaços
o fundo cresce com esqueletos
de naves há tempos naufragadas
e entre elas a última
o barco desajeitado de Noé

nós nos colamos com os olhos no vidro
pois neste imenso aquário
que se chama rua ou praça
que se chama bonde ou freixo
que se chama monumento arquetônico
fizeram a nossa nave naufragar

*

havia um sujeito
que disse vou andar
entre os pingos de chuva
quando molhou o ombro direito
rejeitou-o molhando o esquerdo
rejeitou-o também finalmente
rejeitou-se inteiro

um outro qualquer
que andava entre os pingos de chuva
estava voltando porém
não o vemos havia um homem
e não há mais homem nenhum

*

nestes dias sob a nossa cidade
puseram uma mina

a cada instante
ela pode voar pelos ares
ou pode ficar intata

podem esmigalhar-se
todos os mil prédios
ou só uma pedrinha sob os pés

podem os automóveis virar
quais besouros de barriga para cima
ou pode atrasar-se por alguns instantes
um único bonde

podem despencar-se os vidros
de todas as janelas
ou podem cair
ao aposentado os óculos
do nariz

é difícil prever
o resultado da explosão

apenas é conhecido
que nossa cidade esteja minada

*

quando lembro
a Tua face

parece-me que saíste
da caverna escura
das chamas

e sempre podes voltar
se quiseres
à própria casa

apesar de que
o punhado da Pátria
sob os pés
se chame cela prisioneira

vencer o espaço
é morder pedra

vencer o tempo
é duelar
com moinhos
petrificados

*

no Gólgota
do tribunal provinciano

Teu rosto luminoso
cercaram
com paliçadas de carabinas

solitário
carregas a cruz

o nosso ombro
está tão frágil ainda

*

aqueles dois
que foram crucificados
ao lado de Cristo

hoje
mascaram
o alto Gólgota
com ramos de códigos

na toga do juiz supremo
escondem
a faca dos bandoleiros

*

cruz recente

debalde chora
de seu lenho
a resina de Kosmátsch ⁴⁾

ela há de servir ainda
em vez de iconostácio
no nosso templo
roubado

4) - Aldeia nos Montes Cárpatos, cujo pároco Pe. Vassyl Romaniúk (o futuro Metropolita de Igreja Ortodoxa Autocefálica Ucrâniana em Kyiv) foi um dos dissidentes presos e deportados.

*

sem traição

vendido
pela nossa fraqueza

ainda hoje
algum confrade
há de alienar-se

mesmo sem
os trinta dinheiros

talvez sentirás
então saudades
do Judas bíblico

*

cala-se o pai
e a mãe
cai sobre as pegadas
sangrentas

tem misericórdia de nós
ó Mãe de Deus
que te tornaste a nossa

dá-nos a graça de tocar
as pegadas que não se apagam

*

sobre a multidão
metálicas
ergueram-se
as mãos dolorosas
da esposa

Verônica
tu quiseste enxugar
a face sangrenta

pisadas rasgam
teu lenço

que há de torna-se
estandarte

*

por amor a nós
aceitou sobre si
tal terrível castigo

para salvar-nos
do maior
dos pecados

a indiferença
ao fogo

*

na própria cinza
agoniza a fumaça dos livros

escapa a fumaça dos museus
como ladrão

o pano da fumaça
não cai da história

incontáveis colunas
da indústria
fumegam

porém aceita
minha fumaça
qual oferenda de Abel

pois a fumaça humana
farfalha
igual a bandeira
acima de nós

*

eu te reconheço
com semelhante chicote cantante
ninguém ainda
fustigou os seus filhos

pela maneira
como me pisas com força
para dentro da terra
eu te reconheço

só tu única
podes tão leviana
correr à casa vizinha
à procura do sal espiritual

e pedir emprestada a brasa
para lançar no próprio telhado
o galo da labareda

*

levanta-te da cruz de pedra
dos pregos das balas levanta
da coroa de espinho levanta
de ti própria levanta

pela fenda ferida
passa para o avesso

apenas com esta
língua de fogo
escreve a tua crônica

para fora dos calabouços
leva a memória
do teu contorno heráldico

impresso
no muro do cárcere

*

diante deste portal
o biltre deve parar
este portal é nossas Termópilas
atrás dele é tela branca
sobre o prado verde
um país intocável
da poesia pela qual nós também
sentimos o gosto de sangue

*

somando o silêncio
falarei então

com os lábios do dia outonal
com a cor imprecisa
de teus olhos

com a nuvem amarela
da árvore além da janela

somando o silêncio
direi

que sorte nunca ouvida
entre os milhões
que viveram vivem
e hão de viver

com os lábios do dia outonal
com a cor imprecisa de teus olhos
com o encontro ilusório das mãos
com a nuvem da árvore amarela
além da janela
que nós silenciamos

*

atrás da janela
pintada
montanha azul
e o céu
nela apoiado

entre a minha janela
e aquela montanha
o mundo inteiro

a vida toda

*

como pode vir voando de trás destas altas paredes
uma folha seca para aqui morrer e a borboleta
de uma semente para nunca se desenvolver e como
nós homens pesados da sina e sem asas chegamos
até aqui é espantoso

*

estou ressentido com esta terra estranha também ela
gera flores pelas quais choro

*

o eco
do teu nome
ouvi

entre as margens altas
da juventude
e minha idade de Cristo

o que és afinal

amor
poesia
ilusão

NUVEM

não é nuvem
e sim um guarda-chuva esburacado

ela própria ficou ensopada
e a mim também
molhou
até os ossos

eu vi eu vi
como carregava
nas costas
suas nuvenzinhas

elas mostravam a mim
seus chifrinhos
faziam caretas

e delas vieram
pequenas chuvascas

guarda-chuvas de crianças
poças para pardais

e o arco-íris no orvalho

ATALHO

vamos juntos
atalho

cuidado não tropeces na pedra
passa por cima do talo de palha
e não te escondas no trigo sarraceno
ver-te-ei de qualquer modo

e lá
atrás da horta
veja como cresceste

corres sozinho
pulas pelo riacho
com o chicote na poeira estalas

atrás do morango mudas de rumo
pisas ervilhas ao passar

mas não te apresses
irrequieto
que nem zanzão
pois o mundo é belo
que dá vertigem

VENTO

conheço aquele mancebo
conheço-o bem

enfeitou
com a pena de galo
seu chapéu

toca na gaita de boca
para si mesmo
o dia todo

mas trabalhar
que nada

pois raramente
apascenta perfumes
nas clareiras montezes

nem incita as ondas jovens
ao bebedouro

antes impele a fumaça
das fogueiras
justamente nos olhos

parece soprar
das mesmas
abelhinhas de prata

se pelo menos a ti
sacudisse
uma estrelinha do céu

porém na Páscoa
trouxe rolando
o sol
em Kosmátch pintando ⁵⁾

5) - A aldeia carpática de Kosmátsch é famosa pela pintura de ovos de Páscoa.

RELÂMPAGO

vem nadando a rainha
rainha das trevas

olha no espelho
está escuro

relampeja
um instante
com luz

espia

quem é a mais bela do mundo

vós vossa escuridão
responde o espelho
às pressas

a rainha se tranqüiliza
por um instante

é mesmo uma beleza

CHUVAZINHA

o sopro seco
bebeu todo o néctar da flor

a abelhinha veio de visita
não há nada para oferecer

na casa da senhora Chuva
a porta é de chererém
senhora Chuva
senhora Chuva
sai para fora

a mãe não está em casa
sou Chuvazinha

então sai tu pelo menos
acudir à flor

prefiro molhar
a gola do repolho

haverá tanta risada

BORBOLETA

a borboleta conta

não é bem isso
eu fui faraó

minha múmia
jazia na pirâmide
no sudário branco
mas o mais belo
reino de todos
é no meio das flores

tu tiras impostos
o branco das margaridas
das sempre-vivas o amarelo

és rainha
mesmo sem servos

o dia é tão comprido
até o meio dia é antes da nossa era
à tarde é nossa era

passarás séculos numa flor

borboleta borboleta
quem derrubou
tua pirâmide

POÇO

durmo profundo profundo

e mais profundo
minha mãe subterrânea

eu lhe conto sobre as estrelas
e ela me conta sobre a raiz do carvalho

eu sobre a nuvenzinha
e ela com leite frio
me sacia

eu sobre a borboleta
e ela do reino aquático
traz a ninfa

porém o viburno primaveril
não quer tornar-se
conforme meu relato

apenas o sol
bebe contínuo
a água vibúrnea
pelos canudos de palha dourada

PEDRA

o rio voltava dos montes
e pensava
trazer consigo
um peixinho rosado

não era peixinho
era pedrinha rosa

o rio ficou zangado
e atirou-a
na margem

que bela pedrinha
alegrou-se a menina
e plantou-a na horta

cresça grande pedrinha
eu te regarei

cresce a pedrinha sem raiz
tornou-se pedra rosada

agora é
um rochedo

porém tem coração mole
e ama
a menininha

SERENO

o sereno acordou cedo
lavou seu rosto no sereno
para ser mais belo

depois sentou-se na pétala
e começou a se balançar

a gralha
tão ávida de lantejoulas
espiou logo
que pedrinha preciosa
era aquela

quis bicá-la
mas ela se balançava
na pétala

a gralha rangeu com os dentes
e foi embora

veio o sol
pegou o sereno pela mãozinha
e ambos voaram
para o campo azul

FUMAÇA

a fumaça fugiu da fogueira
despenteada
trajando *jeans* azuis
e foi caminhando

apenas pegou
um batata assada
pelo caminho à cidade

sentou-se no bonde
cheirando

o condutor suspirou
o outono rescende a mim

sentiu cócegas nas narinas
virou o bonde
e meteu-se na mata

não me sentei no bonde certo
pensou a fumaça
pulando pela janela

LUA

a lua mais velha
cobriu-se de casca vermelha
igual à de pinheiro

na lua mais nova
formigas correm
sob a casca

é preciso chamar de socorro
o pica-pau da floresta

a lua mais nova
briga com chifres
como um bode jovem

a lua mais velha
está com preguiça
tem feridas no lado
de tanto deitar na nuvem

a lua mais nova
não tem sono
corre ligeira
pelo céu todo

lá as estrelinhas
cantam cantigas de Epifania

*

sinal de água no papel
lua de dia

será que pode confiar-se a ela
sangue de toda altura
desespero apalpado no brejo
corpos tirados de música
palavras das feridas

apesar de tudo
ela é brasão da nossa noite
o coração amolgado
sobre um pálido
escudo heráldico

*

explica-lhe
que as malvas de geada
nas vidraças
cresçam sem raízes
mesmo prateadas

vicejam sem rumor
e do mesmo modo somem
brancas
para o ignoto

explica-lhe
que a nossa terra
possui bastante raízes
em burgos soterrados
espadas extintas
jarras esmigalhadas
girassóis de cantigas
das quais quase caíram fora
os grãos de palavras

mesmo a pedra
da nossa terra
prende-se ao muro da cidade
com fortes raízes

cobre-me	9
janela querida janela	10
não morder	11
havia boas estrelas	12
mas mesmo	13
num calabouço negro hermético	14
nem ao sol se perdoa	15
o dia todo	16
ainda está o verão	17
esqueçamos	18
preparemos canoas	19
alegro-nos com a separação	20
antigamente	21
no limite do sonho	22
entregar-se voluntariamente	23
o mel do silêncio	24
quando fiz reverência	25
sim nós nos conhecemos	26
e quando os olhos largos	27
nesse imenso aquário	28
havia um sujeito	29
nestes dias sob a nossa cidade	30
quando lembro	31
no Gólgota	32
aqueles dois	33
cruz recente	34
sem traição	35
cala-se o pai	36
sobre a multidão	37
por amor a nós	38
na própria cinza	39
eu te reconheço	40
levanta-te da cruz de pedra	41
diante deste portal	42
somando o silêncio	43
atrás da janela	44

como pode vir voando	45
estou ressentido	46
o eco	47
NUVEM	48
ATALHO	49
VENTO	50
RELÂMPAGO	52
CHUVAZINHA	53
BORBOLETA	54
POÇO	55
PEDRA	56
SERENO	57
FUMAÇA	58
LUA	59
sinal de água no papel	60
explica-lhe	61

Printed in Brazil

